

Criles Monteiro Ramos

Ilustração: Raehli Hage



MATEMÁTICA DOS PALMOS INJUSTOS

Livro de crônicas sobre o cotidiano
do transporte público amapaense

CRILES MONTEIRO RAMOS

MATEMÁTICA DOS PALMOS INJUSTOS

**livro de crônicas sobre o cotidiano no transporte público
amapaense**

MACAPÁ - AP

2017

RAMOS, Criles Monteiro
Matemática Dos Palmos Injustos: livro de crônicas sobre o
cotidiano do transporte público amapaense / Criles
Monteiro Ramos. - 1ª Ed. - Macapá - AP, 2017

FICHA TÉCNICA

Autora: Criles Monteiro Ramos

Ilustração: Raehli Hage

Orientação e Revisão: Roberta Scheibe

Diagramação: Alessandra Tavares e Brenda Silva

*Gente bonita é foto,
gente boa é lembrança,
é gosto, é cheiro, é toque,
tempero, pedaço de infância.*

FIÓTI

SUMÁRIO

- 11 Entre a dor e o sol
- 15 Os moleques de domingo
- 19 As vasilhas de Socorro
- 23 Matemática dos palmos injustos
- 27 Olhos raivosos
- 33 Ei, a gente existe
- 37 Silenciada hoje, com fala amanhã
- 41 Subtraídas, porém unidas
- 45 Um peruano, um charango e uma zamponha
- 49 Uns trocados e uma missão
- 53 A vida e um bombom
- 55 Vendedor viajante
- 59 Ivre Française
- 63 Ao fechar de olhos
- 65 Uma sombra emprestada
- 69 De quem é a culpa?
- 73 Gentileza nem sempre gera gentileza
- 75 Desespero de um 15 de fevereiro
- 79 A história da menina que se divertia viajando de ônibus
- 83 Mal de ônibus
- 85 Palmos justos injustos

AGRADECIMENTOS

À Deus e meus protetores de luz, que me levaram ao encontro de cada personagem deste livro. Aos meus pais Luiz e Delma, e minha irmã Karina, pelo apoio incondicional. Aos meus lindos amigos, por todo o afeto e ajuda nos momentos mais difíceis, não poderia listar todos aqui. À Roberta Scheibe, que viu em mim potencial e depositou sua confiança para a realização deste projeto. À Lylian Rodrigues, que muito me ensinou sobre uma percepção mais humanizada, através não apenas do Jornalismo. Às amigas Alessandra Tavares e Brenda Silva que se disponibilizaram para a diagramação deste livro. Gratidão imensa a todos os ordinários que me doaram um pouquinho de suas vidas e seus cotidianos, nada seria possível sem suas existências.

SOBRE A AUTORA

Criles Monteiro é amapaense, nascida em Macapá (1992). Formanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Amapá (Unifap), foi estagiária na Assessoria de Comunicação do Governo do Estado e Sesc Amapá. Contribuiu no Projeto de Extensão Políticas do Corpo da Unifap, em Assessoria de Imprensa e Mídias Sociais. Foi ganhadora de 4 prêmios em Festivais Experimentais da universidade nos anos de 2014 e 2016, sendo *Melhor Fotojornalismo Avulso 2014*, *Melhor Videoclipe Avulso 2014*, *Melhor Blogger Conjunto 2016* e *Melhor Site Conjunto 2016*. Fez intercâmbio por 6 meses na Colômbia em 2016 pela Universidade Santo Tomás, na faculdade de Administração de Empresas. Este livro é o resultado do projeto experimental do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo da Unifap.

APRESENTAÇÃO

Nós vivemos e nos recriamos, somos parte e ordinários dentro desse que chamamos cotidiano, nossos deslocamentos diários nos levam a lugares diversos, para diferentes deveres, e isso tudo nos faz escrever nossa história de vida. Se somos personagens da realidade, por que não relatar isso? Por que não mostrar os heróis da vida real?

Este livro de crônicas narra histórias sobre o transporte público entre as cidades de Macapá e Santana no estado do Amapá. Os textos contêm relatos de pessoas e suas vivências dentro de ônibus, paradas e terminais. As narrativas trazem também observações da autora através de uma visão poética e crítica a esse dia-a-dia.

O livro busca mostrar ao leitor narrativas jornalísticas diferenciadas através da crônica, trazendo uma nova leitura e percepção dos fatos cotidianos ligados a esse espaço público, dos indivíduos diferentes e desconhecidos que estão ao nosso redor diariamente e dos problemas sociais que eles carregam e enfrentam. Além de apresentar essas problemáticas, as narrativas tentam também mostrar ao leitor o encantamento e a poética despercebidos nesse ambiente. As crônicas têm como finalidade gravar memórias de alguns cotidianos e sentimentos amapaenses.

É válido ressaltar a importância de diferentes narrativas e a ruptura com o padrão jornalístico convencional e o texto objetivo, revendo a possibilidade de inserir poética e sensibilidade em textos que retratam a vida de pessoas comuns e seus respectivos problemas. Afinal, o leitor pode se interessar

pela história da senhora que é negado o direito de gratuidade no ônibus, assim como esse mesmo leitor pode querer saber de dados estatísticos dos idosos que precisam do serviço gratuito e o tem como direito.

Pensando assim, se faz necessário trazer em crônicas, os problemas relacionados ao transporte público, como a superlotação, inacessibilidade, e para além disso, também abordar fatos recorrentes nesse espaço que ressaltam problemas sociais como racismo, homofobia, violência de gênero.

Este livro possui 21 crônicas. Seus personagens, vistos como heróis do cotidiano, trazem em suas histórias sentimentos de enfrentamento, tristeza, alegria, esperança, aspiração, desejo, dor, coragem, medo, resistência. As narrativas intencionam visibilizar um pouco da identidade cultural e histórica amapaense. Das vinte e uma crônicas, onze narrativas foram criadas a partir de observações e conversas informais da autora, e outras dez crônicas foram feitas a partir de entrevistas com pessoas cientes do projeto acadêmico.

ENTRE A DOR E O SOL

É intrigante perceber os mais variados tipos de pessoas e imaginar os destinos à que elas se encaminham no decorrer do dia, a cada ônibus. Umas trabalham, outras estudam, algumas passeiam, a depender do destino umas vão mais felizes, outras desanimadas.

Cada um carrega sua expressão, seu suor, sua maquiagem, um sorriso, uma irritação, trajes adequados para cada situação, trajes novos, rasgados, limpos ou sujos. Gente nova, gente velha, gente pequena, gente grande, gente cheirosa, gente fedida. Mas é todo mundo junto, misturado, encostando e desencostando, no sol ou na sombra, calado ou conversando. Tem gente pra tudo.

Naquela manhã, dona Maria tinha levantado cedinho

para pegar o ônibus Infraero 2, ir até a avenida Fab no centro de Macapá, e de lá apanhar o ônibus rumo a cidade vizinha de Santana. Mas foi na volta para sua casa que nos encontramos, no assento duplo de um ônibus via estrada do Coração, distrito que une Macapá à Santana.

No início do caminho, algumas curvas da rodovia nos proporcionavam sombra, sombra de algumas árvores cheias de folhas, ou o reflexo de algumas secas, principalmente os eucaliptos, muito encontrado aqui na região. Mas tinha muito sol à janela, estávamos ao lado direito do ônibus, onde pela manhã o sol acompanhava. Pela janela víamos casas, todas de um andar, asfalto, lama, naquele minuto não passava nenhum trem.

O senhor que sentava ao lado de Maria, fez questão que eu me aconchegasse ali quando se levantou, talvez ele fizesse questão que eu a conhecesse.

- Mas tá quente hein minha mana. - Ela deu o pontapé na conversa.

- Ai verdade, e a gente ainda vai do lado que bate o sol.

- Escuta, tu sabe quando sai o barco do seu Zé para Belém? - Ela mudou de assunto.

- Sei não. - Disse para ela.

- Poxa, não consegui comprar a passagem.

Naquele banco desconfortável, Maria já sentia as dores que a levava ao porto de Santana, lá ela ia atrás de uma passagem de barco que a levasse até a casa de uma das filhas, e de lá ao médico que lhe desse um atestado para sua recente dor ao lado esquerdo do corpo, a dor se encontrava do estômago

até à ponta dos pés. A dor a fazia mancar. Nesse dia, Maria desperdiçou horas do seu tempo e garantia uma dor maior ao percorrer aquele caminho, e o pior era a tristeza de ter que voltar outro dia para comprar a tal passagem de barco.

- A senhora já pensou em ir de avião? É tão rapidinho.
- Falei para ela.

- Aah, é rápido mas é perigoso, a gente vê tanto avião caindo aí pra fora. Eu prefiro ir pegando o ventinho no barco, deitada na minha rede, e assim vai.

Eram 66 anos que mostravam os cabelos brancos, viúva, mãe de sete filhos, avó e bisavó, morava com a filha e dois netos.

Após um tempo quem reclamou do calor fui eu, e Maria me contou da sua experiência com o frio.

- Olha, eu já morei em São Paulo, mas mana é muito frio, ôh cidadezinha ruim de morar.

- Faz tempo que a senhora morou pra lá?

- Faz tempo, eu tinha uns 28 anos, eu e meu marido fomos pra lá. Mas aí a gente não aguentou. - Ela sorri ao contar.

- Pra lá tem aqueles trens grandes né, mas pensa como a gente ia tudo apertadinho. - Juntou as mãos ao falar.

- Tão apertado que uma vez tinha um homem atrás de mim, e tava muito perto minha filha, já tava agoniada, e quando eu me espantei subiu o negócio. E meu marido lá na frente, eu nem ia falar nada senão ia dar briga neh, tive que aguentar.

Nesse momento a dona Maria contava rindo toda sem graça com seus olhos meio fechados ao rir. Talvez, a ingenuidade que tinha naquele tempo, não a fazia entender o abuso

sexual que vivenciou naquele momento no metrô; era década de 70 e a voz de uma moça do interior do norte talvez não fosse entendida, e assim calou a violação ao seu corpo.

Conta que já viveu em muitos lugares, mas principalmente em sua cidade natal, Belém do Pará. No estado ainda vivem a maioria de seus filhos, em diferentes cidades.

Conversa vai e conversa vem, uma dorzinha ali outra aqui, junto a um trocar de posições de dona Maria, e um meu abrir e fechar de olhos para o sol, já estávamos chegando ao centro de Macapá. Foi a hora em que ela se assustou na avenida Fab e rápido se despediu, nos desejamos sorte na vida e um adeus ali se formou.

Ainda a avistei com os pés na Fab e um mancar para o lado esquerdo, e lá ela ia embora para um lado e eu para outro, ela ia com dor e eu ficava no pequeno conforto do ônibus, ia para meu destino e ela para o seu.

Assim como os outros que continuavam no ônibus, cada um com sua forma de enfrentar os problemas diários da vida, não apenas os pessoais, mas também um sufoco no ônibus, a espera absurda desse, em meio a isso, que seja com um sorriso junto a uma dor do lado esquerdo, ou apenas sentir o sol queimar na pele todos os dias.

OS MOLEQUES DE DOMINGO

Domingo à noite é o dia em que mais se encontra “moleques” (garotos de pouca idade, rotulados como rebeldes e mal criados) no ônibus retornando à Santana. Esses moleques de Santana e distrito de Fazendinha, se encontram com outros moleques em Macapá. Eles saem à procura de diversão pelos shoppings e orla de Macapá, concentram-se no Parque do Forte, o ponto turístico mais visitado no domingo. Por lá, eles encontram amigos, dançam, paqueram, namoram.

A volta para suas casas geralmente começa às 22h, é o conhecido horário de pico onde passageiros não terão sossego com tanta baderna da dianteira à traseira do ônibus. O momento é cercado por conversas altas, gritos e músicas em alto volume nos celulares e caixinhas de som.

Num domingo qualquer, a gritalhada era normal, entre os assuntos mais diversos falavam sobre escola, gaze-ar aula (ou gazetar, como aqui se fala), paqueras, drogas... As bandas de rock eram as mais tocadas, passando por System Of Down, Nickelback, Slipknot, Charlie Brown Jr... - Pow velho, Chorão faz falta, faz falta! - Falou uma das adolescentes com mais ou menos 16 anos.

- Na moral, faz falta mesmo! - Acrescentou outra moleca que aparentava 15.

Quase todos os assentos traseiros estavam preenchidos pelos moleques de domingo, chegavam a um número de 15, alguns sentados nas coxas de outros.

As músicas se seguiam juntamente ao ônibus no zig zag que fazia. Seguíamos na rodovia JK, agora com sucessos nacionais, Capital Inicial e Legião Urbana. Nesse momento já chegávamos ao distrito de Fazendinha ao som de “Tempo Perdido”.

A estrada ficava mais escura em alguns pontos, o céu iluminado escutava o coro musical que se formava pelos moleques dentro do ônibus.

- Veja o sol dessa manhã tão cinza

A tempestade que chega é da cor dos teus olhos castanhos

Todos os jovens amigos cantavam, e não se ouvia mais a gritaria, apenas o som de Legião Urbana na caixinha de som e as vozes que acompanhavam. Era uma sintonia de gerações.

Mas a música parou.

- Pow cara qual é? - Falou o menino com boné pra trás.

- Qual é mano? Parou o som por quê? - O outro da frente perguntou.

- Foi mal, descarregou o celular.

- Pooooow... - Gritou o coro.

Um silêncio se formou, até que alguém recomeçou a cantar lá no fundo.

- *Veja o sol dessa manhã tão cinza...* - Mais um o acompanhou.

- *A tempestade que chega é da cor dos teus olhos castanhos* - Mais um aqui e outro ali ajudaram.

- *Então me abraça forte e diz que já estamos distantes de tudo*

Temos nosso próprio tempo

Temos nosso próprio tempo

Agora já era uma capela, todos recomeçavam a cantar, e tudo soava tão bem, naquele ônibus agora só se ouviam as vozes dos moleques cantando afinadinhos e sincronizados, parecia até ensaiado.

O que Russo dizia estava certo, o que transmitia no coro era algo ‘distante de tudo’ o que os outros pensam dos moleques, não era só baderna ou gritaria, era um convite para serem vistos, notados, olhados. O que seria para cada um seu ‘próprio tempo’?

- *Não tenho medo do escuro, mas deixe as luzes acesas, agora.*

O que poderia se ouvir nas entrelinhas de tanta gritaria? Moleques desocupados e marginalizados? Ou os que tinham falta de acesso ao ensino de qualidade para que pudessem ter outras perspectivas de vida? Eram moleques com medo do

escuro.

- O que foi escondido é o que se escondeu

E o que foi prometido ninguém prometeu

Nem foi tempo perdido

Agora era oficialmente um grito. Alguém os entenderia?

E algo tinha então sentido quando cantavam:

- Somos tão jovens, tão jovens!

AS VASILHAS DE SOCORRO

Pus os meus pés no ônibus e logo me deparei com a sacola de plástico resistente e transparente, que media mais ou menos 50x60, abarrotada de vasilhas cheias de comida. Cada uma tinha uma tampa com cor diferente.

A vasilha do macarrão tinha a tampa vermelha, a do arroz tampa azul, a do feijão tampa amarela, a da carne guisada tampa verde. Dentro da sacola também tinha um litro e meio de fanta laranja e, para completar, uma garrafa com um litro de açaí.

Havia, ainda, uma vasilha branca sem tampa, foi quando olhei para a senhora com a tribal tatuada no braço e perguntei.

- Por que essa vasilha branca vazia?

- Ah, é pra colocar o açaí.

Logo ela me explicou que fazia parte da vistoria da penitenciária, onde eles “metiam” a colher para ver se tinha algum tipo de droga dentro de qualquer alimento que fosse.

“Comida de mãe é a melhor”, um ditado que cairia muito bem para aquele almoço. É o que deve pensar o filho de 28 anos, que há quase dois anos almoça no presídio, longe de casa, longe da mãe, da esposa e dos filhos.

A dona, que tem o dobro da idade do filho, repete a cada quinze dias o hábito de ir visitá-lo aos sábados. Faz a comida e pega o ônibus às 11h. Pouco antes do meio dia já se encontra na primeira das quatro filas que precisa passar antes de entrar na penitenciária.

É curioso perceber como os sábados e domingos carregam essa imagem de vasilhas e comidas, as sacolas no chão dos coletivos e os contrastes de cores que essas vasilhas trazem a esse ambiente. Decidi descer do ônibus e acompanhar a Socorro até a porta do presídio. O espaço, que era cheio de mulheres, me fez perceber algo que ainda não tinha notado, como o ônibus também vai cheio de mulheres nesses dois dias. Ao acompanhar a dona Socorro na entrada do presídio, vi mulheres mães, mulheres esposas, mulheres filhas. Há as que carregam crianças, tem criança de colo, criança que corre, criança que chora, criança que não entende onde está. É perceptível também, como esses dias são carregados pelo afeto familiar, essas pessoas se deslocam ao encontro de seus familiares, como a dona Socorro que leva o amor ao filho dentro de suas vasilhas e no possível abraço ao encontrá-lo.

Comentei com a Socorro sobre esse visível número de mulheres, e ela me disse algo:

- Eu que sou mais velha e mãe, eles respeitam, mas as moças que são esposas passam por muita coisa ruim, escutam coisas desnecessárias. Tipo “se envolve com marginal porque quer, tá aqui porque quer”, “quem disse que mulher de malandro precisa de respeito?”

Tentei falar sobre o assunto com algumas das outras visitantes, mas logo vi que seria muito difícil arrancar suas histórias, principalmente pela intimidade que isso deveria caminhar. Elas não falavam e ocultavam seus medos, mascaravam com alguns sorrisos sobre as revistas íntimas invasivas, onde precisam estar nuas e de cócoras, entre N situações pelas quais devem passar.

Pensei nas condições de violências, tanto físicas quanto psicológicas enfrentadas por essas mulheres. Mas também pensei no sofrimento de abandono pelo qual alguns homens presos sentem, e deve ser nisso que esse afeto se apega, a não deixar o outro sofrer, a não deixar o outro sozinho num fim de semana, num domingo de família, onde pode não haver o churrasco, mas a presença de uma mãe ainda está ali. Foi o que dona Socorro e as vasilhas me transmitiram.

MATEMÁTICA DOS PALMOS INJUSTOS

Talvez não fosse justo relatar sobre os fatos decorrentes no transporte público se eu estivesse na zona de pequeno conforto com uma janela aberta ao vento e um pôr do sol das seis da tarde em Macapá. Não, não. Era preciso estar aqui de pé no ‘esmagado’. Só de pé poderia se sentir o tal aperto de corpos tão comum e inacomodável de todo dia santo.

Pois bem, pensemos de acordo com a matemática dos palmos, eram três palmos no corredor central do ônibus, sendo que haviam quatro palmos de cadeiras de cada lado. Ok, vamos achar que os palmos eram de uma mão grande, já que um alívio é sempre bem-vindo.

Mas refletamos, se cada lado tem dois assentos disponíveis, logo se vê que é apropriado dois palmos para cada

passageiro. E como ficou a lógica do corredor de três palmos para os passageiros que ficam em pé e mais os que se movimentam pelo corredor? Sendo que a possibilidade é: um passageiro de lado virado para a poltrona à esquerda e outro virado para a direita, cada um ocupando um palmo.

Sobra um palmo no meio do corredor para os que estão soltos tentando se arrumar, dividir com os que passam em rumo à porta dianteira com a intenção de descer ao seu destino final. Tudo isso não é um tanto injusto? Veja o quadro:

PALMOS	PASSAGEIROS
2	Pessoas sentadas confortáveis com direito a vista do pôr do sol
2	Pessoas sentadas quase confortavelmente correndo o risco de levar bolsas e cotovelos no rosto
1	Pessoas em pé desconfortáveis
1	Pessoas passantes ou morrendo pelo corredor

Mas nos concentremos rapidamente nos palmos centrais. Se já não é fácil para corpos considerados ‘normais’ - aquele não magro nem gordo - , imagine só a situação pelo qual uma mulher gorda passou ao se locomover pelo centro do ônibus.

Pois bem, logo após arrastar alguns magrinhos sem querer, a moça foi o alvo de risadas e chacotas de muitos homens presentes.

“Eita me levou junto agora”

“Essa pequenininha não”

Nada mais desconfortável, desagradável, constrangedor e gordofóbico.

Os palmos continuavam injustos para tanta gente e uma chuva próxima se formava, ainda assim alguma beleza se encontrava nesse meio. Talvez fosse o céu cinzento que começava a esconder o sol e aproximava uma chuva para aliviar a tensão do calor humano acumulado entre o aperto dos corpos, e mesmo que houvesse beleza, quem ligaria suportando tamanho cansaço?

Dos que se encontravam, apenas em um rosto se via uma vida mais leve, era de uma criança de mais ou menos sete anos, que se encontrava ligada na janela aberta apoiando-se em sua mãe. E quando o banho de uma poça de água da rua se espalhou pelo rosto pequeno, se abriu um sorriso e tanto que também contagiou a mãe, que brincou com a situação. Contagiou até a mim que estava na zona de desconforto vendo a cena, contagiou a mais alguém, será? Não tive tempo de perceber quando também passei a olhar pela janela com os olhos de menina.



OLHOS RAIIVOSOS

21h30.

O ônibus ia via Fazendinha para Santana. Íamos pela rua Cláudio Lúcio Monteiro, já entrávamos no bairro da área portuária. Como costume, já havia alguns assentos vazios.

De repente o veículo foi abordado por policiais em frente a uma pracinha, os homens fardados entraram no veículo, um pela porta dianteira, um pela porta traseira e outro rodeava o ônibus com uma arma, outros aguardavam fora.

Enquanto todos os passageiros se olhavam assustados, os policiais avaliavam do começo ao fim do ônibus, rosto em rosto.

- Entrou alguém suspeito no ônibus? Viu alguém? - O policial da dianteira perguntou ao motorista.

- Não, não. - Respondeu.
- Alguém ali pela fazendinha, na expo-feira?
- Não vi ninguém.

O PM se aproximou de um homem, negro, com as roupas surradas, uma mochila já meio rasgada, aparentava ter uns 30 anos.

- Onde tu subiu no ônibus? - Perguntou o guarda.
- Lá na avenida Fab¹ .
- Vai descer onde?
- Na próxima parada.
- Tá vindo de onde?
- Do trabalho.
- Trabalha onde?

Não consegui entender sua resposta.

O diálogo invasivo acontecia enquanto o policial revisitava a mochila do homem.

- Tá.

O policial deu fim na revistagem e falou a todos.

- Pessoal, boa noite! A gente tá abordando alguns ônibus por conta do grande incidente de assaltos que vêm acontecendo. Fomos avisados que havia alguns indivíduos suspeitos lá na estrada da Fazendinha, na parada de ônibus, recebemos a denúncia e estamos verificando. A gente tá fazendo a abordagem apenas por segurança.

¹ Avenida localizada no centro de Macapá.

De fato, os últimos dias têm sido muito turbulento com tantos assaltos a ônibus, há umas semanas atrás, houve dois assaltos seguidos no ônibus via Macapá-Santana, no dia anterior, um assalto pela manhã cheio de violência assombrou passageiros num ônibus municipal de Macapá.

- Nada? Limpo aí? - Gritou um PM lá de fora. E antes que esse da dianteira fizesse sinal positivo, o que estava na traseira falou.

- Ei tu aí de camisa rosa, sai. Tu de camisa preta também, e tu aí atrás de boné, pra fora. Os rapazes tinham em média, idade entre vinte anos, todos eram negros, tatuados, e aparentavam ser de periferia. Carregavam em seus traços e trejeitos todas as formas para serem abordados com tal discriminação, rotulados pela marginalização, sendo injustamente julgados e humilhados.

Eram amigos e estavam juntos, um deles ficou dentro do ônibus, aparentava ser o mais novo, uns 18 anos no máximo, passou despercebido por estar sentado na janela atrás de uma cadeira alta exclusiva aos idosos.

- Pow, segunda vez só hoje. - Ele falou meio sem graça, direcionado a alguns passageiros, inclusive eu.

- O que? - Perguntei.

- Segunda vez que eles param a gente. A primeira vez foi na parada de ônibus lá na frente da expofeira. Eles pegaram as nossas mochilas, jogaram todas as nossas roupas no chão e ficaram fazendo perguntas, dispensaram a gente mas ainda ficou dois lá.

Ele desabafou para nós.

- Meu Deus, mas assim já é muito abusivo. - Falou uma moça em tom de indignação.

- A gente só ta indo pegar o barco pra viajar pro interior, por isso a gente ta com essas mochilas.

Nessa hora, um dos fardados entra no ônibus, aborda esse rapaz e o leva para junto dos outros.

- Que coisa né, não podem fazer isso com os meninos. Mas eles só fazem isso porque vê que o cara é preto, tem uma tatuagem aqui e outra ali.

Olha, eu tenho um amigo que nem tem jeito de marginal, nada, estuda engenharia na Unifap. Um dia desses um policial revistou ele e não me fez uma pergunta, e acho que só pelo fato dele ser negro. Muitas vezes a gente nem sabe, mas já julga logo pela pele, pela aparência.

Passados alguns minutos, os rapazes voltaram ao ônibus, muitos os olhavam de forma tão assustada, com medo, como se fossem fazer algum assalto antes de descer, e me senti mal ao ver seus semblantes, um era cheio de uma raiva que transbordava em seus olhos, outros dois apenas se acomodaram novamente ao centro do ônibus, talvez já acostumados com os olhares maldosos, o outro que relatava mais cedo ainda tentou tirar uma brincadeira.

- Mas a gente tá pesado hoje hein.

Falou direcionado ao menino de camisa rosa e olhos de raiva. E muitos que escutaram riram. Brancos? Privilegiados? Inclusive eu ri, que não poderia sentir a piada na pele. E nessa hora me envergonhei de mim mesma ao lembrar do relato do menino, e ver a expressão de íra do rapaz de olhos raivosos, e ao detectar a expressão séria de uma garota negra que tam-

bém estava presente no ônibus. Não era engraçado! Não era engraçado ver como esses meninos passam por essa marginalização social diária, ou horária, melhor encaixando nessa situação. São violentamente oprimidos de uma maneira silenciosa tão gritante no dia a dia, em todos os espaços, em toda uma vida.

A discriminação e o preconceito enraizado é uma dura realidade no Brasil. Tendo 54% da população declaradamente negra ou parda, de 16,2 milhões de brasileiros que vivem em extrema pobreza, 70,8% são afro-brasileiros.

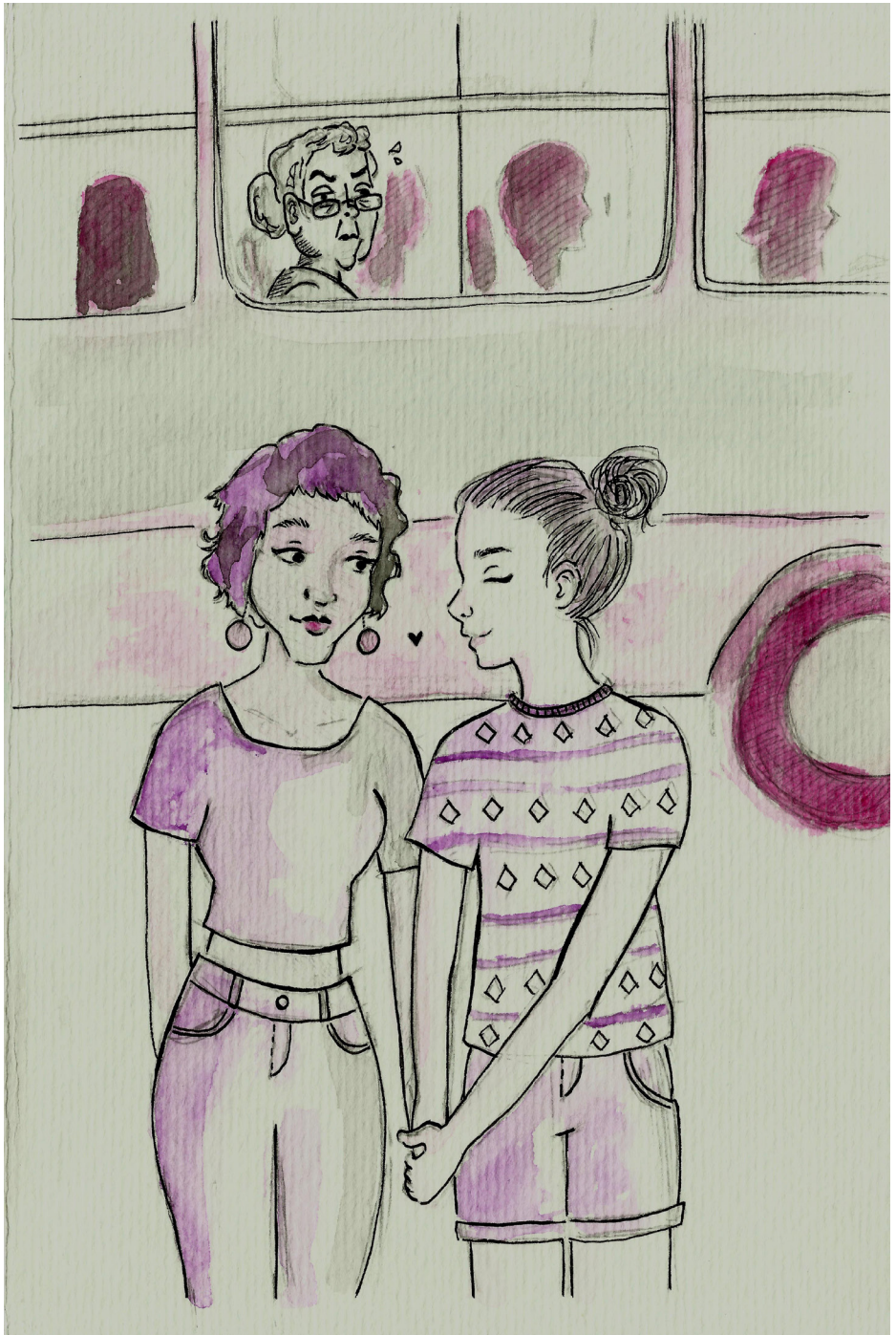
Enquanto 29,1% de jovens brancos entre 18 a 24 anos não cursam os níveis fundamental e médio, essa porcentagem de jovens negros é de 53,2%. Pretos e pardos tem 73,5% mais chances de viver em moradias precárias do que brancos, e quando esses lares melhoram em condições de atendimento por saneamento, brancos tem 20% mais acesso que negros. 80% dos analfabetos no Brasil são negros. 64% dos pretos e pardos não completam a educação básica. Brancos recebem salários 2,4 vezes mais que negros.

Em 2013, num comparativo entre mulheres brancas e negras, as afro brasileiras tiveram um percentual de 66% a mais em assassinatos. 56 mil homicídios no país, 30 mil pessoas entre 15 e 29 anos, desses, 77% eram negros. 75% da população carcerária é negra.

Em São Paulo, morrem 3 vezes mais negros que brancos em resultado de operações policiais. No Rio de Janeiro, dos homicídios envolvendo intervenções da polícia, 80% das pessoas assassinadas são negros, caracterizado pelos movimentos sociais como o “genocídio da juventude negra”.

O ônibus partiu e a próxima parada já era a deles, um por um foi descendo, com todos os olhares voltados para eles. O último a descer carregava em seu braço uma tatuagem que talvez pudesse refletir o seu maior pensamento naquele momento:

“Confie em Deus”.



“EI, A GENTE EXISTE”

Era domingo de tarde, saíam rumo ao centro da cidade de Macapá, as namoradas Betina e Marta. Era dia calmo, entraram no ônibus e se acomodaram em um banco, uma ao lado da outra, para interagir e compartilhar.

- Em algum momento eu passei o braço por cima do ombro da Marta e beijei a testa dela na lateral. Estávamos bem, conversando e sorrindo. Depois que passei a beijá-la no rosto, começamos a sentir uma agitação no banco de trás. Era uma senhora demonstrando não estar gostando das nossas atitudes. A agitação se resumia a se mexer no banco, mostrar que estava ali, bufava e emanava o ar com força.

Betina presume que a mulher tem em média pouco mais de 50 anos, usava o cabelo preso.

- Ela tinha uma expressão bem severa sabe? Parecia uma pessoa infeliz, e pela atitude dela, tive a confirmação depois.

Até então, a situação estava subentendida aos murmúrios e movimentos da senhora.

- Ignoramos as primeiras manifestações mesmo sabendo que era pra gente, eu quis ignorar para ver até onde ia a coragem dela em afrontar, porque afinal de contas não estávamos fazendo nada de errado.

Betina conta que a senhora resmungou algo que elas não entenderam, até que a mulher bateu na cabeceira do banco das meninas e disse “Sangue de Jesus repreenda”, nesse instante Betina se virou para a mulher e a olhou, olhou, olhou séria, olhou calada, olhou enfrentando, olhou dando o recado silencioso. Após virar o olhar de volta, a senhora se levantou e mudou para o assento do corredor oposto e no mesmo tempo Betina falou:

“É, muda mesmo, quem tá incomodado que se mude”.

- Eu não consigo entender como uma pessoa consegue ter uma reação violenta diante de uma relação de afeto e carinho. Fiquei muito nervosa de imediato, eu nunca tinha sofrido um episódio de homofobia tão explícito, fiquei chocada com a atitude invasiva daquela senhora, de uma falta de delicadeza e sobretudo falta de respeito com a liberdade do outro.

Nervosismo e raiva foram os sentimentos mais pulsantes em Betina, já em Marta, a tristeza invadiu. Afinal, um sentimento desnecessário se fazia, num espaço público e livre, um momento de afeto foi invadido, uma quebra de direito tentada, um ato de não amor, uma agressão.

- Na hora, minha namorada ficou muito abalada e eu fiquei com mais raiva por isso, não é todo mundo que consegue reagir em tempo hábil com esse tipo de violência, e o que sofremos foi uma violência, ninguém em volta se manifestou, você se sente só nessas horas. Abracei Marta e segurei sua mão para ela sentir que não estava sozinha.

O Brasil é o país que mais mata pessoas LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans) no mundo, ganha até de 13 países do Oriente e África onde há pena de morte para um LGBT. No ano de 2016, 343 LGBT foram assassinados no país, trazendo um recorde histórico, segundo estatísticas de pesquisa do Grupo Gay da Bahia (GGB). Números difíceis, e ainda assim, especula-se que os dados devem ser muito maiores, pela falta de esclarecimentos frente às denúncias.

Se somos ganhadores em homicídios contra a população LGBT, se a cada 25 horas um LGBT é assassinado nesse país, quanto seria o quantitativo de “pequenas” violências físicas e verbais sofridas diariamente? Como a que Betina e Marta sofreram.

Quando Betina me falou da senhora com aspecto severo e religioso, me veio à mente a mulher evangélica que matou o filho por ser homossexual, matou, matou o próprio filho! Juntamente com o marido, esfaqueou, queimou e enterrou o menino de 17 anos, no interior de São Paulo. Casos tão tristes para serem esquecidos.

Quando desceram do ônibus, ainda enxergaram de fora, a mulher na janela. Quando ela olhou, Betina sorriu e gritou:

“A GENTE EXISTE TÁ?”

SILENCIADAS HOJE, COM FALA AMANHÃ

Mayra é bailarina e estuda dança terça e quinta, nesses dias precisa do transporte coletivo às 22 horas para voltar à sua casa. Vai do centro à zona Norte de Macapá.

Esse dia era quinta feira, esperou o ônibus por 15 minutos. Havia uma cadeira vaga ao lado de um homem, em verdade, a cadeira era de sua mochila, localizada logo atrás do motorista.

Com mal pressentimento, não quis pedir licença ao homem e à mochila, esperou em pé outro lugar, que após duas paradas conseguiu, bem atrás de onde estava o homem.

Na próxima parada, subiu uma mulher que fez o que Mayra não quis, pediu licença e o assento, o homem se esquivou e ela passou para a janela.

10 minutos e a moça ao lado do homem chama o motorista.

- Motorista.

5 segundos.

- Motorista pára o ônibus!

2 segundos.

- Motorista páraaaa o ônibus!!

Ele parou e de seu lugar gritou.

- O que tá acontecendo?

- TEM UM HOMEM SE MASTURBANDO AQUI!

O motorista levanta e vai até o assento.

- Eu não tava percebendo, mas agora dá pra ver que ele tá cobrindo com a mochila e se masturbando, tá com o pênis pra fora.

- Levanta e sai do ônibus - Disse o motorista em tom alterado ao homem, esse olhou naturalmente.

- SAI DO ÔNIBUS CARA! - O homem sem reação nenhuma continuava sentado.

No ônibus só se ouvia o motorista, até que muitos dos passageiros começaram a gritar para o homem sair e esse continuava como se nada tivesse acontecendo.

“Fecha a porta do ônibus e bora levar ele para o Ciosp”, falou um passageiro, “já ta aqui perto mesmo”, falou outro.

Mayra conta que nesse instante o homem se assustou, criou racionalidade? Bom, parece que sim, pegou a mochila, não se deu ao trabalho de fechar a calça e desceu do ônibus.

- Isso me deixou irritada, por que o motorista não fez o que falaram? Por que não fechou a porta e foi para o Ciosp? Não sei se ele tinha algum problema mental ou não, se não fosse preso, algum encaminhamento deveria ser tomado, indicá-lo a algum órgão em competência. Se ele faz isso dentro de um coletivo, o que pode fazer se ver uma mulher sozinha na rua?

Mayra desabafou, em meio ao relato.

Após o homem sair do ônibus, a falação começou, a gritaria se formou, e os discursos machistas também.

- Principalmente os homens começaram a falar diversas coisas grosseiras e nojentas, a pior foi: ‘Tem tanta mulher com a piriquita cheia de teia de aranha e tanto veado querendo dar a bunda, e esse cara fica se masturbando aqui’, esse homem começou a rir da situação e falar coisas inapropriadas. Outros homens falaram coisas como ‘ah será que ele gozou aí no chão?’, ‘será que o banco tá sujo?’, ‘não encosta no banco porque deve tá todo gozado’.

Os homens riam, zombavam, riam juntos, riam alto, não eram todos, mas eram maioria.

- Eu me senti frustrada, impotente, assustada e revoltada em meio a tudo o que falavam naquele momento. Nesse clima pesado eu só consegui gritar ‘PAREM DE FALAR ISSO, NÃO TEM GRAÇA E NÃO É BRINCADEIRA’. Uma mulher ao meu lado disse ‘não adianta falar nada, não adianta fazer nada, não adianta chamar a polícia, eles não irão resolver nada’.

Mayra não falou mais nada, a decepção, o medo, a vergonha, a repulsa, tanta coisa a silenciou e reprimiu. Foi escu-

tando calada até a parada mais próxima à sua casa, desceu do ônibus sozinha, foi caminhando à sua casa na companhia do medo.

- Cheguei em casa, sentei e comecei a chorar, fiquei desesperada pensando como é que pode? Um cara sai impune e as pessoas que presenciaram a cena achavam normal e engraçado, porque 'ah ele não tava fazendo mal a ninguém, só tava batendo uma punheta', uma punheta dentro do ônibus? Ao lado de uma mulher? Essa mulher teve força e voz, mas e se fosse uma que não tivesse? E se fosse uma criança? Eu não tenho segurança alguma para sair da porta da minha casa, sair sozinha ou andar de ônibus.

Mayra se sentiu culpada pelos próximos dias e noites, 4, 5 ou 6, por não ter tido uma voz frente à violência psicológica que aqueles homens produziram e reproduziram, ela sentiu vergonha por silenciar tudo o que tinha a dizer para aquelas pessoas, por não conseguir calar as risadas, os deboches de algo que tanto nos violenta diariamente.

Mas eu queria dizer pra Mayra que agora ela tem voz, ela diz e transpassa sua força aqui, para nós, e nos ensina, nos fortifica e nos encoraja.



SUBTRAÍDAS, PORÉM UNIDAS

Faz 2 anos, mas Camila trás em si como uma lembrança recente.

Voltava no ônibus de Macapá à Santana em torno das 20h, quando presenciou um caso de abuso sexual físico. Era metade do caminho, na rodovia JK.

- O homem foi para frente, parecia que ia descer do ônibus, mas parou atrás de uma moça. Negra, alta, cabelos longos, com aproximados 30 anos. Carregava sacolas e ia acompanhada de suas mãe e filha pequena. O homem aparentava ter 35, pardo, alto e magro.

- Ele ficou por muito tempo atrás da mulher, percebi que ela começou a se incomodar, olhava para trás e fazia gestos para ele se afastar, mas ele continuou.

A mulher estava presa àquele lugar, acompanhava em pé, sua filha sentada no assento à sua frente.

- Chegou ao ponto em que ela não estava aguentando mais, olhava para os lados como se estivesse pedindo ajuda. E então eu reagi ao que ela estava sentindo!

Camila percebeu que estava próxima o suficiente para dar um chute no homem e assim o fez.

- Eu dei um pisão nele e gritei para ele parar de se esfregar na moça!

Camila conta que nesse momento, o motorista do ônibus parou e colocou o homem imediatamente para fora. O que chamou a atenção dela foi o fato de apenas ela e o motorista ter alguma reação, enquanto todos os passageiros permaneceram calados. E a moça, chorou!

- Ela começou a chorar muito e eu disse a ela para ir à delegacia. Mas ela não tinha coragem, estava muito abalada e dizia se sentir **IMUNDA, MUITO SUJA POR DENTRO E POR FORA**. A moça contou que ele já fazia isso há muito tempo. Nesse dia quando ela subiu no ônibus, disse que ele a viu e foi no ônibus atrás dela, foram várias as vezes. “As pessoas nunca haviam feito nada”, ela contou pra mim. “As pessoas diziam que ele tinha algum problema mental”, ela me falou também.

Certamente, é a desculpa mais usada para acobertar esse tipo de abuso.

A vítima disse à Camila, que já tinha visto em outros momentos o mesmo homem abusando de outras mulheres na mesma situação.

- Meu primeiro sentimento foi positivo ao ter sido útil ajudando aquela mulher. Num segundo momento eu senti medo, um pavor por pensar que aquele homem poderia vir atrás de mim. E em terceiro, trabalhei algo em mim sobre estabelecer na mente que eu precisava sempre reagir à situações como essa, independente do lugar, sempre reagir e passar isso à outras pessoas, principalmente à nós mulheres, que haja reação sendo vítima ou não. Isso é importante, precisamos nos auto proteger e proteger umas às outras, e sobretudo não deixar que nenhum homem saia impune.

Segundo pesquisa feita em 2016 pela YouGov, o Brasil está em primeiro lugar no ranking de assédio em espaços públicos, imagine só, ganhando de países como a Índia, fortemente caracterizado pela cultura misógina.¹

A mesma pesquisa mostra que o terceiro maior medo urbano enfrentado pelas mulheres é o transporte coletivo.

De acordo com levantamento de 2016 da Datafolha, 40% das mulheres acima de 16 anos já sofreram algum tipo de assédio no Brasil, só em transportes públicos, cerca de 5,2 milhões já sofreu assédio físico.

E pensemos além, esse número seria maior se mulheres como a que Camila defendeu, denunciassem. Quantas de nós apenas chorou e voltou para casa?

Feridas.

Sujas.

Invadidas.

¹ Misoginia é a repulsa, desprezo ou ódio contra as mulheres. Esta forma de aversão mórbida e patológica ao sexo feminino está diretamente relacionada com a violência que é praticada contra a mulher. A misoginia é a principal responsável por grande parte dos assassinatos de mulheres, também conhecido por feminicídio.

Subtraídas.

Violentadas.

Sem força para acreditar na sua própria voz.

Lutemos então, umas pelas outras!

UM PERUANO, UM CHARANGO E UMA ZAMPONHA

Era domingo e já passava um pouco do meio dia, o tempo se fazia um pouco nublado, tornando-se diferenciado na perspectiva amapaense. Nesse momento, no ônibus rumo a Macapá, todas as cadeiras eram exatamente ocupadas, sem nenhum aperto, sem qualquer pessoa em pé, havia calma e um vento leve típico de uma folga de fim de semana.

Passando pela lagoa dos índios um rapaz reconhecidamente latino entrou no ônibus carregando um charango¹ no

¹ O charango (ou quirquincho, do Quechua kirkinchu, tatu) é um pequeno instrumento de cordas Sul-americano da família do alaúde, que tem aproximadamente 66 cm de comprimento, tradicionalmente feito com a carapaça das costas de um tatu.

colo e uma zamponha¹ preza ao corpo, perto da boca, para o sopro sempre que precisasse.

Com as 12 cordas do charango ele começou a tocar uma melodia gospel e logo seguiu no ritmo com a zamponha, deixando a canção se mostrar agradável, e deu início a uma canção, cantando com a língua embolada mas todos entendiam, “Por que me resgatou? Por que me trouxe aqui?...”, seria apenas uma canção? Ou uma reflexão que fizesse pensarmos em nossos destinos encontrados ali, naquele ônibus.

Alguns acompanhavam a música, um tirou o fone e passou a escutar, e a maioria observava, talvez pela carga de estranhamento aos instrumentos incomuns tipicamente estrangeiros, ou pelo fato de ser um moço de traços latinos. Mas o encantamento era nítido e grande parte do público aplaudiu com satisfação ao final da música cantada quando o rapaz falou “uma salva de palmas para Jesus”.

Após bater as mãos, o peruano abriu sua bolsinha e puxou alguns CD’s, e com palavras carregadas pela mistura de dois idiomas, o moço apresentou seu trabalho por apenas três reais, vendeu rapidamente as últimas cinco unidades que lhe restavam e recebeu alguns trocados de outras pessoas.

O peruano de Huanuco se chama Simón Salazar, mais

² A flauta de pão ou flauta de pan é um instrumento musical conhecida como zampoña pelos espanhóis, constituída por um conjunto de tubos fechados numa extremidade, ligados uns aos outros em feixe ou lado a lado. Os tubos são graduados e de diferentes tamanhos, não têm bocal e são soprados com os lábios tangenciando as extremidades superiores.

conhecido como Sabino, mesmo nome de seu pai. Hoje tem 40 anos, toca instrumentos desde os 6, e profissionalmente desde os 15. Foi integrante da banda peruana Salazar, juntos, os integrantes vieram para o Brasil, atravessaram a fronteira por Manaus, onde moraram e seguiram carreira por sete anos, lá tocavam nas ruas, praças, restaurantes, bares e festivais.

Mas Sabino continuou sozinho na estrada, sendo homem sem medo que acredita na sua música e vive dela. Já viajou por muitos lugares no Brasil, segue na vida cantando em ônibus, praças, aniversários e casamentos. Já se aventurou por Fortaleza, Belém, Santarém, foi até a Guiana Francesa e voltou para Macapá, onde diz ser uma cidade bonita e tranquila. “Aqui as pessoas são muito receptivas e reconhecem mais o trabalho de pessoas como eu que cantam em ônibus.”

Em Macapá tem tocado música gospel dentro dos ônibus, vê que é algo que as pessoas gostam. “Ver como as pessoas se sentem bem, é o que me faz sentir bem, por isso faço meu trabalho. Outro dia, uma moça chorou e chorou quando eu estava tocando. Isso me faz continuar.”

Sabino me contou um pouco de suas histórias de vida, das aventuras e da experiência musical nos lugares e ruas. Me falou do seu sonho em sempre transmitir para as pessoas a energia e sentimento bonito que sente com a música, quando ele canta e toca seus instrumentos, e me disse ainda, apontando para o coração:

- A melhor coisa que a gente leva tá aqui óh.

UNS TROCADOS E UMA MISSÃO

Naquela manhã, eu a vi quando adentrava ao seu quarto ônibus, sua pele preta contrastava com o branco dos olhos arregalados. Entrou pela porta da frente no ônibus que ia de Santana à Macapá passando pela rua Cláudio Lúcio Monteiro. Parou em pé ao lado dos assentos prioritários, observou por rápidos segundos do começo ao fim do veículo e se pôs a falar.

- Bom dia gente, não quero atrapalhar a viagem de vocês. Hoje venho pedir a ajuda de todos com pequenas contribuições, eu recebo apenas um auxílio do INSS por causa dessa minha perna.

Declarou mostrando a perna direita fraturada em um acidente, era uma cicatriz feia, ondulada próxima ao joelho, onde uma parte era funda e ao lado inchada. Mais acima na co-

xa, havia marcas de vários pontos costurados, do comprimento da palma de uma mão grande.

- Qualquer quantia já vai me ajudar muito. Espero que Deus abençoe e acompanhe vocês, pois sem ele não somos nada!

No ônibus haviam poucas pessoas e alguns assentos vazios, nesse meio, apenas um braço levantou, sinalizando uma nota em dinheiro enrolada dentro da mão fechada, a mulher se direcionou para aquela mão com meio sorriso no rosto apanhando o trocado e agradecendo, conseguiu mais algumas moedas e se direcionou à saída do veículo.

Antes de sua descida, o motorista levou sua mão a ela e lhe deu dez reais, a mulher não se contentou em agradecer somente mostrando os dentes. Antes que o ônibus parasse, rapidamente abriu sua bolsa velha, guardou o dinheiro e pegou um pendrive vermelho, entregou ao motorista e falou.

- Olha, tem muitos louvores bonitos aí.

- Pra mim? Obrigado!

Agradeceu o motorista e descemos nós duas do ônibus.

- Ele vai gostar muito dos louvores. - Ela me falou.

- É como uma troca por ele ter ajudado você? - Perguntei.

- É, tô sem energia em casa e não posso usar, mas sempre que posso, eu mando tirar cópia de uns CDS com música gospel e dou para as pessoas, faço isso por Deus me ajudar todo dia colocando gente de bem no meu caminho, tanta gente me ajuda. Mas também tem gente que me chama de ladra, de burra, me xingam, já quiseram até me bater.

Olhou para o céu e deu um sorriso iluminado.

- Ôh meu Deus, perdoa.

Cleide já tem seu discurso decoradinho na mente, esse ela fala dentro dos ônibus e nos mercados por onde passa, conseguindo também alimentos. Sai todos os dias de sua casa às 07h no distrito do Coração e vai rodeando por Santana e Macapá pedindo ajuda. Volta em casa para fazer o almoço e ajeitar as crianças para ir à escola e volta para as ruas à tarde para garantir alguns outros trocados.

No dia 15 de abril de 2004, ela lembra bem como viajou do escuro à luz, quando se viu diante da morte e a superou, “Deus me disse ‘tu não vai, fica aqui que você tem uma missão’”, e assim ela seguiu, se recuperou do acidente, conta que abandonou alguns vícios e foi atrás do seu melhor. Hoje, diz que o pouco que consegue, tenta ajudar nas doações da igreja que frequenta, isso para ela, é a sua maior missão.

Com cinco filhos para cuidar, ela e o marido lutam juntos, cada um com sua superação. Ele também sofreu um acidente, perdendo quatro dedos da mão direita durante o trabalho na bacabeira¹, recebe meio salário como benefício do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), mas precisa fazer bicos para ajudar no sustento da família.

Eu ia acompanhando a dona Cleide, que com seus 39 anos tinha o passo apressado mesmo com uma nítida deficiência na perna, mas ia com a pressa, a pressa de quem ainda ti-

¹ É a árvore que dá o fruto bacaba, que muito parecido com o açaí, a diferença é que a bacaba dá um líquido viscoso branco e o açaí vermelho escuro.

nha que repetir o mesmo discurso muitas vezes ao dia, andar muito mais e pegar outros ônibus. E ia, ia pensando em chegar em casa, vestir os filhos menores para a escola, alimentar os mais velhos e no fim do dia separar o seu dízimo¹ de cada dia. Pois tudo, tudo fazia parte de uma missão muito maior.

² Tributo que os fiéis pagam à Igreja como obrigação religiosa.

A VIDA E UM BOMBOM

Já era quase fim do dia, cerca de cinco da tarde, mas o sol ainda fazia suar. O ônibus estava vazio, Manoel o apanhou, mas não se entristeceu com a quantidade de fregueses. Não sabia se era o vigésimo, quinquagésimo ou centésimo ônibus, mas entrou, ajeitou o gorrinho de papai Noel e começou a falar:

- Boa tarde pessoal, espero que todos vocês estejam bem. Venho aqui pedir a ajuda e contribuição de vocês, eu não estou pedindo nem roubando, e sim trabalhando, sou um pai de família e preciso desse sustento.

Dos nove passageiros presentes, apenas três o olhavam. O casal sentado um ao lado do outro, e um rapaz no assento da frente.

- Hoje estou vendendo esses saborosos chicletes, de vários sabores: hortelã, morango, framboesa... Tenho também jujuba com sabores: hortelã, morango, framboesa... Tenho também jujuba com sabores variados, além da jujuba de iogurte, e quem quiser um amendoimzinho crocante, também tenho. Agradeço a atenção de todos vocês, obrigado.

Ele percorreu o ônibus olhando de rosto em rosto aguardando um gesto positivo para alguma venda. Mesmo sem muita sorte, conseguiu vender alguns chicletes para o casal.

Quem vê Manoel, não imagina que essa luta diária começou aos sete anos de idade, quando seu pai saiu de casa e ainda criança teve de ajudar sua mãe nas despesas da casa. Logo se transformou num pai para seus irmãos.

Todos os dias, sai cedo de casa, e o primeiro ônibus já é seu trabalho. Não sabe quantos ao longo do dia, assim como também esquece os incontáveis “nãos” pronunciados por motoristas que impedem sua entrada para o trabalho.

- Mas eu até entendo, eles também estão trabalhando, e, agora, a fiscalização é maior. Tem ônibus por aí com câmera. Não posso prejudicar o serviço dos outros.

Ressalta Manoel.

Hoje, com 38 anos, é pai de uma família de 8 filhos, faz questão de se virar nas vendas para garantir estudo aos filhos.

- Quero que meus filhos tenham o que eu não tive, oportunidade de estudar.

Os pés muito inchados realçavam de vez em quando uma vontade de sentar, mas o trabalho não permitia, se descia

de um ônibus já ia oferecendo bombom em alguma parada. Nesses momentos, as grandes dores de reumatismo faziam-no querer desistir, mas o jantar da noite era a força maior para não o fazer parar, pois o que ele mais dizia sempre era:

- Preciso dar o melhor a minha família, eu preciso dar o melhor para minha família.

VENDEDOR VIAJANTE

Me sentei em um lugarzinho que havia no ônibus, não era cadeira, não era chão, era o lugar acima do motor do ônibus, na entrada da porta dianteira, ao lado do motorista. Sentei bem ali onde dizia “não pise por favor”.

Eu era a única com vista da frente para trás, para todos os passageiros, podia olhar de perto as primeiras vistas cansadas daquela terça-feira, no horário de oito da noite. Mas olhei para a direita e a senhora sorriu, olhei para a esquerda e a grávida também, até que o Junior sentou de frente pra mim, num lugarzinho que também sobrava abaixo do assento de prioridades, e também sorriu.

- Cansado né?

Falei e ele balançou a cabeça respondendo que sim, com

uma caixa de chocolates variados, restavam alguns pacotes de amendoim também.

- Tô desde manhã.

Ele falou após alguns segundos me mostrando a sua caixa. Olhei e ele com experiência percebeu que eu não iria comprar. Abriu a bolsa vermelha e guardou.

- Você passa o dia vendendo? Todo dia?

- É, saio oito, oito e meia, nove horas de casa, às vezes fico até essa hora da noite e vendo bem, mas hoje foi devagar.

Puxou as notas da mochila e me mostrou, visualizei rapidamente muitas de 2 reais, algumas de 5, uma de 10 e algumas de 20.

- 140 reais hoje.

- Égua, entrou em quantos ônibus hoje?

- Uns 30 eu acho

- Será?

- Não, é mais né? Uns 60 será?

- É muito trabalho né.

- Sim, mas eu vivo desse trabalho.

- E faz quanto tempo que você trabalha assim?

- Uns 7 anos. Tava desempregado, não sabia o que fazer, já era casado e tinha filho, então eu fui. E hoje nem penso em parar, outro dia consegui um emprego de motorista, mas não quis não, eu faço meu horário e faço meu dinheiro.

- Mas e a parte difícil?

- É principalmente o preconceito trabalhista, muitos

não gostam.

- Quem?

- Ah, na rua, nos ônibus, alguns motoristas, uns passageiros. Mas eu não me calo sabe, tô trabalhando, e quando alguém fala algo ruim, muitos também ficam ao meu lado, e não estou só.

E mudamos de assunto.

- E tu mora em Santana? - Ele me perguntou.

- Sim, sim, e tu?

- Também, lá para o Elesbão, é longe, vai embora naquela estrada do Delta, e depois ainda pego barquinho.

- Mas como tu faz? Vai andando?

Perguntei para ele admirada.

- Nãaaaaao, é longe menina. - Riu e continuou falando.

- Deixo a bicicleta na casa da minha avó na área portuária todo dia, quando volto, como agora, paro lá, pego a bicicleta e vou até o Elesbão.

A distância entre área portuária e Elesbão fica em torno de 4km, 20 minutos na bicicleta. Junior leva mais alguns minutinhos de barco e enfim chega ao lar. Repete o trajeto de segunda a sábado, deixando o domingo para lazer.

O trabalho e a vida de Junior é uma viagem constante, 6 dias na semana, 12 barcos, 12 percursos de bicicleta, e os ônibus... ele nunca parou pra calcular ou riscar na mão.



IVRE FRANÇAISE¹

- Ei mana, os olhos dela são lindos óh, mas que olho bonito - Falou o homem bêbado para uma moça apontando para outra.

- Rapaz, amanhã é meu aniversário, bora todo mundo me ajudar a comemorar. Mas é um castanho muito bonito esse olho.

Pequena pausa.

- E óh, 63 anos, graças a Deus. Debaixo dos caracóis dos seus cabelos, uma história pra contar, de um mundo tão distante - Falou e cantarolou o velho no ônibus.

No mesmo coletivo, entraram dois franceses e as aten-

¹ O bêbado francês

ções se direcionaram aos dois lados. Os turistas passaram aroleta e se acomodaram no meio da multidão que estava em pé, ao lado do bêbado.

- Ei! - Falou o bêbado cutucando o francês mais alto do olho verde. - Con le vou chou tu mê sê? Mi chê conti inhê ruã dro libo tuchê? - Todos no ônibus riram enquanto o bêbado falava um idioma inventado com sotaque altamente francês.

- Como? - Respondeu o francês.

É importante abrir um parêntese sobre a importância na referência do idioma francês no Amapá, a começar pela fronteira com a Guiana Francesa. Aqui, o idioma entra como segunda língua em algumas escolas de ensino regular, além de ter desde cursos básicos a técnicos gratuitos oferecidos pelo governo do estado. Crescemos acreditando que um dia essa fronteira irá mudar algo em nosso cotidiano, comércio, mercado de trabalho, relações exteriores, etc. Logo, é normal por aqui algumas pessoas entenderem nem que seja um pouquinho da língua, ou ter o curso básico de francês.

- Mais devagar por favor para eu intentar entender. - O francês respondeu lentamente em português misturando com o espanhol.

- Tu qui non tua chasanã tukitu chon pruá cassa tur sen pu tê - Exclamou o velho bêbado para o gringo. Nesse momento todos os passageiros riam de tal palhaçada, o turista de olho verde olhou para o outro de olho castanho sem entender absolutamente nada.

- Ah vussimi tchu pasãn perepá to cumissê?

Um dos turistas riu e cochichou ao outro. O mais baixo gritou:

- CACHAÇA!

- Caipirinha.

Falou uma passageira.

- Sim, la caipirinha! - Respondeu o mesmo.

- Muita caipirinha - Disse o outro.

- Esse Brasil tem coração de mãe mesmo, viu - Falou o velho bêbado, em português, para a surpresa de todos.

- Mas vocês têm sorte - Continuou. - Se tivessem alí para aquelas paragens onde tão matando todo mundo.

- Mas meu Deus, que situação esse homem - Falava a mulher sentada ao meu lado, rindo.

O francês mais alto ao ver todos rindo, ria sem jeito por nada entender. O outro com os olhos castanhos, seguia muito sério durante a viagem.

- Pôr tu pa jô fu castiguá te nopê por chô?

- Como? No entendi - Disse o francês.

- EU TÔ FALANDO EM FRANCÊS CONTIGO PORRA!

O ônibus todo gargalhou, o bêbado era oficialmente o melhor daquele ônibus das 2 da tarde..

- Que si-tu-a-ção! - Repetiu a mulher dando pausas de risos.

O bêbado falou um pouco mais de franporrês, ninguém entendia, mas o francês altão mais próximo a ele, abriu a bolsa e tirou um pacote de bolacha salgada, um pote de goiabada e deu ao bêbado.

Algumas palavras e alguns ruídos se passam, palavras trocadas em português por passageiros corriqueiros e algumas em francês pelos turistas.

Uma vez me expulsaram para o Brasil - Gritou o bêbado. - Eu tava lá trabalhando e me mandaram embora - Continuou ele. - Eu cheguei e disse 'vem cá, por que vocês podem entrar no meu país livremente e aqui é a maior fuleragem'? Ah porque passaporte e não sei o quê. Mas meu amigo!

Logo ficou claro que o bêbado um dia tinha sido um dos amapaenses que tentam melhorar de vida atravessando a fronteira ilegalmente. Isso explicaria a facilidade em enrolar a língua que um dia deve ter falado um pouco do idioma.

- Rapaz, tá difícil conseguir dinheiro aqui, e eu vou já descer - Falou o bêbado para a mulher e à mim.

- Agora sim tá explicado todo esse entrosamento dele - Ela cochichou pra mim por trás dos óculos escuros, e completou: - Ele só quer dinheiro mesmo!

AO FECHAR DE OLHOS

O ônibus das 21h indo para Santana carregava um número de corpos apertados que eu não conseguiria contar a dedo, carregava também, é claro, o motorista e a cobradora, esses não apertados por causa de sua condição de trabalho, mas que não significaria ser um posto de menos cansaço.

Paro aqui para falar um pouco da cobradora, ela que não foi uma princesa germânica, mas recebeu o nome de Augusta, e essa sempre me chamou a atenção, pois não houve uma vez sequer que eu tenha andado naquele ônibus e que ela não tenha dado o seu habitual cochilo.

Já é senhora, suas mãos engelhadas carregavam marcas de muito trabalho. Mas longe de deixar a vaidade de lado, ainda pintava os cabelos e os arrumava à um pregador com pe-

dras brilhantes.

Seus olhos continuavam fundos mesmo quando se abriam ao bipe da máquina de carteirinha apitar, era um despertar quase programado que seus ouvidos já tinham aderido. Vez ou outra também acordava com algumas moedas que eram batidas acima do caixa de dinheiro onde apoiava os braços para melhor ser a soneca. O abrir da porta traseira do ônibus que ficava ao seu lado, também a fazia despertar, nem sempre, mas às vezes funcionava, afinal era a chegada de passageiros, e era também chegada a função de fazer abrir os olhos e mostrar trabalho.

Confesso que dificilmente a vi sorrir, com exceção de um dia, quando ela abriu os olhos e me flagrou observando-a, eu estava com caderninho e caneta na mão. Ela simplesmente olhou, sorriu sem graça e não conseguiu resistir a voltar a dormir.

UMA SOMBRA EMPRESTADA

Atravessava a avenida principal passando por trás do monumento de Sant'Anna, padroeira da cidade de Santana. Segui até o outro lado da avenida e encontrei uma senhorinha simpática, ela segurava uma sombrinha com tons de preto, verde e branco.

- Mas que sol hein, e aqui nem tem cobertura.

Sorri, puxando uma conversa. Ela rápido retribuiu o sorriso e logo compartilhou de sua sombrinha pondo acima de mim, diante do sol das 11h30. Posso afirmar que o gesto foi tão sincero que a sombra se tornou grande para nós duas, e o calor pequeno para um papo à espera do ônibus.

- Poxa, eu tô esperando aqui o ônibus há uns 30 minutos, ainda agora passou um, mas até a vista enxergar, já estava

em cima, fiz gesto mas o motorista fingui que nem viu.

- É, eles estão nem aí.

- Pois é, e eu queria ir ali na prefeitura, tô um tempão querendo ir e hoje que consegui sair mais cedo do trabalho.

- Mas funciona até que horas lá?

- Acho que até meio dia, quando falta 15 minutos pras 12 eles já vão embora né.

Assim, foram se passando os minutos e nada do ônibus, enquanto isso a senhora me contava sua história e os motivos que a levavam à prefeitura de Santana. É engraçado perceber a recepção que as pessoas acabam se dando, passando por uma entrega de uma sombrinha compartilhada e um mesmo objetivo: apanhar um ônibus.

Já faltavam dez minutos para às 12h e a senhora resolveu se render - após perguntar minha opinião a cada dois minutos se eu achava que o ônibus ainda ia passar.

- Poxa, mas eu vou e tu vai ficar aí no sol?

Eu sorri e disse a ela que iria ficar bem, que poderia ficar na sombra mais próxima.

Antes de ir, se perguntou em voz alta mais uma vez se o ônibus passaria, começou a dar uns passos, olhou para trás, deu mais uns e olhou novamente, andou até o canto da rua e olhou novamente, baixou os olhos e voltou a dar uma última “bisolhada”.

Após isso, seguiu com a sombrinha escondendo parte do corpo, e hoje seria apenas mais um dia que seus problemas burocráticos seriam adiados, quem sabe amanhã pegasse o ônibus a tempo, ou quem sabe encontrasse um motorista mais

atencioso, mais humano.

Casos assim, infelizmente não se passam apenas com uma senhora santanense, a grande maioria de idosos já deve ter passado por algum constrangimento ou irritação em relação ao transporte público, a começar pela invisibilidade em uma parada de ônibus, assim como outros problemas, como a falta de assentos ou até serem barrados pela falta de carteirinha.

No Amapá, até o ano de 2013, cerca de 9.700 pessoas entre idosos e deficientes físicos aderiram ao benefício de gratuidade junto à Sindicato de Empresas de Transporte de Passageiros do Amapá (SETAP). Segundo o sindicato, a maioria dos cadastrados são idosos. Imaginemos agora quantos idosos apenas no Amapá precisam do benefício e não lhe são oferecidos os atendimentos necessários.

Outro dia em Macapá presenciei um motorista fechando as portas para uma senhora e fazendo o gesto negativo com a mão. Perguntei sobre o ocorrido e ela me respondeu que não tinha carteirinha e desabafou:

- É, mas se fosse uma menina toda bonitinha novinha, eles chegam rindo e deixam logo entrar, e a gente de mais idade eles não respeitam. É o que a gente mais vê nos dias de hoje.

Minha dúvida seria entre o que é maior, se a falta de educação de alguns motoristas e o agir mais humanamente, ou o despreparo dos funcionários que de nenhuma forma é pensado pelas empresas de transportes. No caso em que a senhora foi barrada no ônibus, ela não precisaria exatamente da carteira emitida pelo sindicato, tendo em vista que é lei federal

o idoso poder apenas apresentar documento com foto e comprovar ter mais de 60 anos.

Após uns 20 minutos veio outro ônibus, e era o famoso “Só dinheiro”, onde nem o estudante tem direito à meia passagem, muito menos a senhora entrar com gratuidade, quando esse passou ela nem se deu ao trabalho de levantar-se do banco da parada. E assim esperou pelo próximo, era um ônibus da mesma linha rodoviária, mesma cor de ônibus, mas dessa vez com um motorista diferente, com caráter?

DE QUEM É A CULPA

- Não vai para o Paraíso nem Fonte Nova, hein!

Era o que a cobradora de ônibus ia falando durante toda a viagem. A porta traseira abria e já se ouvia a frase que saía aos gritos pela mulher.

A partir das dez da noite, os ônibus já começavam a passar superlotados, com gente na ponta da porta de chegada até a saída. Claro, era o horário em que estavam saindo os estudantes da maioria das faculdades de Macapá, muitos desses tendo como destino a cidade vizinha de Santana.

Os estudantes da Universidade Federal do Amapá entram na escala dos que apanham os ônibus mais lotados para o município de Santana. Após o trans-

porte decorrer o centro da capital Macapá, passa então pela UNIFAP - que se localiza em uma das rodovias que dá acesso à cidade santanense.

Lá se vinha o ônibus das 22h, esse não parava, muito lotado.

Agora era a hora daquele das 22h30, mais lotado que o outro.

O próximo, às 23h diminui a velocidade, todos se animaram, o primeiro a colocar o passo no ônibus ouviu a cobradora gritar:

- Não vai para o Paraíso nem Fonte Nova hein!

- Mas aaaaah.

Diz uma grande maioria que mora nesses dois bairros. É fato de que os ônibus para Santana só se esvaziam quando passam por lá.

Alguns entram e outros pensam no problema em esperar por mais 30 minutos.

- Ai vou ligar para o meu namorado ir me buscar. - Uma mulher diz se direcionando ao ônibus.

- Ai mas que sacanagem, e agora? - Uma amiga fala para a outra.

- Sim, mas por que vocês não vão pelo Paraíso? - Grita o carinho para a cobradora.

- Porque não vai, não é a nossa rota. - Responde.

- Só a de vocês né, todo ônibus vai e vocês não vão por quê?

A cobradora apenas olha sem responder e continua a falar.

- Não vai para o Paraíso nem Fonte Nova hein!

- Esses bando de filho da puta que não gosta de trabalhar. - Falou outro, que como a maioria, tentava respirar fundo com tanta raiva.

- Porra, já não basta os ônibus que não param, muita palhaçada desse povo. - Falou mais alguém.

O ônibus partiu e quem também partia sentia o alívio, e os que ficavam, continuariam com a raiva até o próximo ônibus passar, certos de que chegariam após meia-noite em suas casas. Algumas mulheres pensavam no perigo, outras em seus filhos, os mais novos preocupariam suas mães, uns só pensavam na fome, ou no cansaço.

E já em Santana, quando o ônibus faz a curva contrária à direção dos bairros, um homem grandão levanta e pergunta em direção à cobradora:

- Ei, não vai pra Fonte Nova não?

- Não, e eu falei pra todo mundo que entrou aqui.

- Não, pra mim não falou porque eu não ouvi.

- Agora o problema é seu meu amigo.

- Puta merda, e agora a gente vai ter que descer no meio do caminho só porque vocês vão desviar aí. Vocês são um bando de incompetente mesmo.

- Mas rapaz, todo dia é isso, eu venho gritando desde o centro lá de Macapá que esse ônibus não vai pra Fonte Nova e pro Paraíso, e agora é essa?!

- Que porra nenhuma, vocês são é um bando de preguiçoso que não gosta de trabalhar.

Ele pegou o filho e desceu com a mulher na parada mais próxima.

- Mas todo dia é esse inferno, eu tenho ódio desse via Macapá-Santana. Outro dia foi um rapaz que entrou escutando música no fone de ouvido, e claro não me ouviu falar, depois fez todo aquele show, aaah mano, já tô velha pra ficar levando desaforo na cara, tenho paciência nem para os meus filhos.

O motorista explicou que a rota é determinada pela empresa, esse ônibus na verdade roda apenas nos bairros de Macapá, e apenas faz o percurso até Santana porque é onde se localiza a garagem, sendo o destino final.

- A gente só cumpre as ordens, mas as pessoas não entendem, acham que a gente quer desviar caminho. O fato é que nem era pra gente fazer esse trajeto, mas nos colocaram para fazer e temos que cumprir. A gente tem um horário para chegar na garagem, e se fossemos percorrer também os outros dois bairros, chegaríamos atrasados e afetaria nosso emprego.

Explicou o motorista que vinha calado durante todo o trajeto até Santana.

GENTILEZA NEM SEMPRE GERA GENTILEZA

O moço entra no ônibus, tira 20 reais da carteira, entrega à cobradora.

- Não vou ter troco agora. - Diz a cobradora, educadamente.

- Tudo bem moça, vou sentar aqui e depois você me entrega, afinal irei demorar a descer do ônibus. - Responde o rapaz educadamente também.

- Obrigada

A viagem seguiu tranquila naquela tarde de domingo ensolarada.

ATENÇÃO!!! Agora, vamos aos fatos reais.

O moço entra no ônibus, tira 20 reais da porta cédula, entrega à cobradora.

- Não vou ter troco agora. - Diz a cobradora, educadamente.

- Como assim não vai ter troco? - Responde o rapaz de forma ríspida.

- Não tenho agora mano, você não pode esperar um pouco?

- Mas e se eu fosse descer agora? Você não iria dar um jeito?

- Sim, iria.

- E então? Isso é um dever seu. Como não vai ter troco?

O homem estufou o peito e pediu para que a cobradora lhe devolvesse os 20 reais, pois tinha o dinheiro trocado.

Logo, não era fácil de se entender todo o desentendimento.

Abriu a porta cédula, e pôs toda a sua força nas mãos ao colocar cada moeda acima do caixa da cobradora, cada moeda era um ruído que estremecia o ônibus. Ao todo foram 5 batidas, uma de 1 real, outra também, uma de 50 centavos e duas de 25. Contabilizando os 3 reais mais barulhentos e grosseiros que se poderia ter ouvido ali, ou naquele dia. Porque segundo a cobradora “sempre acontece esses desaforos”.

Ele ainda deu uma última resmungada antes de pôr a última moeda, deu uns três passos a frente do ônibus.

- Mal educado. - Falou a cobradora.

- O que foi? - Se virou o homem revidando.

- MAL EDUCADO! - Falou ela mais alto.

- Pois mal educada é tu que não trabalha direito. - Falou mais algumas coisas enquanto a cobradora sorria com o canto dos lábios e continuou seu trabalho difícil, onde o árduo se resumia a aguentar passageiros arrogantes.

Após 40 minutos contabilizados, o homem desceu do ônibus, sim, quarenta minutos!

Mas é claro que durante esse tempo, nenhum passageiro a mais entrou no ônibus para tornar o seu troco possível.

- O escândalo todo foi para descer aqui? Faltando 4 ruas para chegar ao terminal de ônibus. - Falei para a cobradora.

- Só queria chamar a atenção! - Ela completou.

DESESPERO DE UM 15 DE FEVEREIRO

Era noite corriqueira de uma segunda-feira qualquer, e como costume, Jaqueline e Eloyse saíam da faculdade às 22h40. O casal encontrou o amigo Enrique e caminharam até a parada de ônibus em frente à faculdade.

- Normalmente nesse horário ainda passam quatro a cinco ônibus rumo à Santana. O primeiro passou muito, muito cheio, o motorista chegou a parar, mas nem dava pra entrar, com tanta gente na porta. Lembro que haviam duas amigas minhas dentro do ônibus e elas falavam “vem, vem, vem”, aí eu disse “eu não to com pressa” - Me contou a Jaqueline.

O segundo ônibus seguiu na mesma sintonia, já o terceiro, veio com algo que ela dizia ser um “milagre”, estava vazio.

Nesse momento, os estudantes entravam no ônibus e o relógio já marcava 23h30. Jaque sentou lá no final do ônibus, guardou lugar para a namorada, que preferiu sentar na frente, em uma das cadeiras altas, então Enrique ficou ao lado de Jaqueline.

O ônibus encheu na próxima universidade, no mesmo momento em que Eloyse teve um pressentimento ruim ao olhar para um rapaz que riu com deboche para ela. Pelos trejeitos e olhares, ela o julgou como assaltante e se sentiu mal por isso. Mas estava certa.

Quando o ônibus chegou próximo ao Parque de Exposições da Fazendinha, foi anunciado o assalto.

- No começo eu não sabia o que era, eu só ouvi as pessoas falando e gritando “ai meu Deus, ai meu Deus”.

Eram 4 assaltantes, um perto do motorista e da Eloyse, ela foi a primeira a perder a mochila. Um na traseira do ônibus, e outros dois pelo meio.

- Ele anunciou o assalto e disse para todos se abaixarem. Enrique jogou a mochila pra baixo do outro banco e eu fiz a mesma coisa, não tinha nada de valor, mas fui pelo impulso, eu nunca tinha sido assaltada antes, não sabia como agir. Eu lembro de ter ouvido ele pedir dinheiro para o cobrador do ônibus, gritava “bora, passa, passa o dinheiro”, dizia também “umbora umbora, ninguém vai ser herói aqui não”. Após começar a pedir o dinheiro, ele deu o primeiro disparo no revólver.

Pânico, caos, medo, desespero, dor... Foram os sentimentos que Jaqueline demonstrou sentir ao me contar, as mãos e voz seguiam trêmulas ao relatar.

- Todo mundo orando, e eu não tive reação nem pra is-

so, fiquei paralisada e com medo por não ter nada pra entregar, só pensava que eles não acreditariam em mim.

Todos seguiam abaixados.

- “Passa todo esse dinheiro”, o assaltante falava para o cobrador. “Eu não quero moeda não caralho. Tá tudo certo, vocês só têm que colaborar”. Ele gritava com o revólver na mão.

Após toda a violência e furtos, os quatro se juntaram à porta de saída.

- “Para o ônibus”, o ladrão falou para o motorista, mas ele seguiu, nervoso, paralisado. Ele gritou de novo, “PARA O ÔNIBUS!”, ai o motorista pareceu voltar à realidade e parou. Já na delegacia, eu falei com o motorista e ele disse que não ouviu, me disse que estava tão assustado, que não ouvia ou entendia mais. E eu pensei que aquele homem poderia ter morrido por isso.

A Jaque me disse o que pensou com o sentimento de medo carregado pelos dois disparos de balas, e contou ainda da rota que o ônibus precisou mudar e foi em direção à delegacia.

- Chegamos na delegacia de flagrantes e só tinha um escrivão, nos mandaram para a delegacia de roubo e adivinha? Só mais um coitado de um escrivão, não tinha viatura, um policial? Tivemos que esperar. Não é mais estado de emergência, é calamidade mesmo, CALAMIDADE PÚBLICA!

Jaqueline, Eloyse e Enrique seguiram por algum tempo com medo ao entrar nos ônibus, olhando para todos os lados, a cada pessoa que entrava pelo medo dos horários das 23, das 23h30, que foram os últimos ônibus assaltados na mesma

noite.

- E eu que peguei um ônibus, quando passou pela fazendinha eu já estava aflita. Esse momento, passou por um buraco enorme e todo mundo falou “Uuh”, gente eu chorei, umas duas lágrimas vieram e eu pensei “Já? De novo? Toda hora agora?”. - A Jaque brincou ao contar pra mim, riu, pensou, olhou para Enrique e disse:

- Sabe que eu não esqueço de ti orando no ônibus, falou algo que me tranquilizou na hora.

- Maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo! - Lembrou Enrique.

A HISTÓRIA DE UMA MENINA QUE SE DIVERTIA VIAJANDO NO ÔNIBUS

Mãe e filha entram no ônibus, a pequena Júlia vai na frente, senta na primeira cadeira amarela de acessibilidade, a mãe Alcione senta ao lado. O percurso começa, a menina observa tudo, olha para cada canto do ônibus e fora dele. Sorri, se assusta, gargalha, canta, bate palma, dá um grito, ela está em seu momento de maior diversão, a viagem de ônibus.

Júlia acordou cedinho e acordou Alcione. Após o banho e o café, e lá vinha ela com o vestido preferido. Mostrou à mãe, que fez uma zoadinha leve com olhar de interrogação.

- A minha filha quer passear?

Júlia deu um sorriso de cara redonda.

- Está bem, hoje a gente vai.

A mãe conta que assim é o diálogo das duas. Com indícios de autismo desde os 3 meses de idade, hoje aos 12 anos, a garotinha é a vida da mãe Alcione. O que antes era desconhecido, agora faz parte de um cotidiano e linguagem que apenas mãe e filha entendem.

Dentre as dificuldades enfrentadas diariamente, uma delas é o preconceito movido pelo desconhecimento das pessoas, andar no transporte público se tornou para Alcione, dor de cabeça, desconforto e raiva. Para Júlia, momentos de lazer, com exceção de um dia, onde sentiu muita, muita dor.

Nos momentos de dor de cabeça, Alcione tem de conviver com os ônibus que não param ou não abrem a porta gratuitamente para elas, perdendo tempo nas paradas. Nos momentos de desconforto, Alcione enfrenta os olhares distorcidos das pessoas, as caras de insatisfação pelos ruídos causados por Júlia.

Os momentos de alegria da menininha é simplesmente estar no ônibus, poder olhar a cidade e como ela se movimentava, poder ver as cores correndo do lado de fora, poder olhar as pessoas à sua volta, ver tudo “novo” a cada viagem, talvez seja assim sua percepção do “tudo novo de novo”, por ter grau 2 em autismo e facilmente esquecer o que vê, escuta e aprende, segundo a mãe.

Os momentos de raiva de Alcione é fácil entender como um dia de muita dor para Júlia. Em um dia normal, era sexta-feira, fazia sol pela manhã, 10h, as duas saíram de casa, subiram a ladeira, chegaram na parada de ônibus e esperaram alguns minutos.

Lá vinha o ônibus, elas se aproximaram, desceu um passageiro, e quando Júlia deu o primeiro passo adentro, a porta se fechou apertando o meio do corpo da menina bruscamente. Foi um simples aperto de botão do motorista, um botão relativamente distante do volante, não poderia ser um mero acidente.

- Esse motorista sempre reclamava pelo barulho que ela fazia no ônibus, e acabávamos sempre discutindo. Ele era acostumado a passar direto e não parar o ônibus pra gente, ou até pra idoso, é uma pessoa ruim mesmo, sabe. A minha filha ficou muito mal, reclamou dias pela dor, e ficou uma cicatriz roxa por um bom tempo, a marca percorreu o alto do peito até abaixo da barriga.

As marcas de vivências de preconceito na vida de Júlia estão longe de ser apenas nas ruas. Por muito tempo, Alcione e os dois filhos moravam num quartinho da casa do pai/avô, foram anos de muita angústia e aflição, onde a família não entendia a disfunção de Júlia e a rejeitavam como neta e sobrinha, agredindo-a física e verbalmente.

- O que mais me dói é que a maioria da família não gosta da minha filha, meu pai sempre a agrediu por anos, ela só tem o carinho do meu irmão mais novo, meus outros irmãos não tem noção de que ela é especial, todos a chamam de doida, a gente passou por muita coisa durante muito tempo nesse lugar. As vezes eu pegava ela e ía andar por aí, a pé ou de ônibus, só pra não ter que ficar aqui. - A mãe relata com os olhos cheios de lágrimas e a cara vermelha.

Desde que Júlia nasceu, Alcione sempre precisou dedicar muito do seu tempo à sua filha, com atenção redobrada. Não pôde trabalhar por não confiar em alguém para ficar com

a menina, com isso sempre trabalhou em casa fazendo bolos, tortas, doces e aceitando encomendas, às vezes ajudando o irmão e ganhando algum dinheiro, às vezes fazendo faxina em lugares onde podia levar a filha, vez ou outra saía nas ruas vendendo os doces e bolos, sempre acompanhada por Júlia.

- Eu tive que abrir mão de muitas coisas por ela, antes, embora eu já tivesse um filho, eu fazia muita besteira, acho que se ela não tivesse nascido em nem estava mais aqui. Muitos dizem que a Júlia veio para me ensinar outras coisas, ela veio pra mudar minha vida.

Por muito tempo, Alcione seguiu assim lutando, guardando dinheiro para um dia sair da casa do pai e ter um lugar pra chamar de seu. Hoje, mora com os dois filhos, seu irmão caçula e a cunhada. A mãe comprou a casa em parcelas junto com o irmão, e nesse lugarzinho, todos amam Júlia como ela é.

Creio que Júlia ainda enfrentará muitos preconceitos e discriminações na vida. Mas espero que eu, você, vocês aí, vejam a Júlia com mais cuidado, que a vejam pelo brilho nos olhos quando ela visualiza seu redor; quem dera se todos nós viajássemos assim em um ônibus lotado. Porque sem dúvida, o olhar, o sorriso e o sentir da Júlia é o que nos falta em nosso cotidiano.

MAL DE ÔNIBUS

Tinha a barriga grande de 9 meses

Teve de entrar e passar pela roleta

Ônibus lotado

Lotado de gente

Gente que não te olha

Se olha, desolha

Gente saudável sentada

13 KM de distância

40 minutos de apreensão

O ônibus pára

Mais uma

Mais duas
Mais três
Mais 20
Meio dia, relógio às 12
Hora de fome
Gente Amassada
Grávida amassada
Desceu do ônibus
Passando mal
Hospital
Era cesariana
O bebê do dia 29 nasceu dia 20
Nasceu
Com vida
Nasceu com problemas respiratórios
Ela passou mal no ônibus
Ele nasceu mal de ônibus
Nasceu mal de gente
Gente não solidária
Gente que desrespeita
Gente que é desumana

PALMOS JUSTOS INJUSTOS

Hoje me apresento no conforto, com uns palmos a mais, e um vento frio de 15 graus, mas não é pelo clima, diria que é impossível tal temperatura no Amapá. O frio que sinto aqui é causado por um ar refrigerado que bate acima de mim nesse momento.

Aqui de dentro, vejo a cor do sol de 35 graus dessa manhã às 9h24. Os não acostumados ao frio até sentam ao lado da janela que bate o sol sem engelhar a cara. Avistam as ruas cheias de buraco e lama, bonitas? Talvez a grande e limpa vidraça facilitem o encantamento das ruas, claro, pra quem ta aqui dentro, quem ta no calor de fora, continua a franzir a cara.

Mas sabe, amapaense é povo bonito, tá engelhando a

cara, mas ta sorrindo. A gente que vai aqui dentro do ônibus e tenta com o mínimo de força prestar atenção em algo ao lado de fora, vai ver essa gente, vai notar essa gente. Vai ver os feirantes da Cláudio Lúcio Monteiro; vai ver os vendedores de camarão do Igarapé da Fortaleza; vai ver as pessoas que não são ciclistas profissionais, mas são tão preparadas a esse esporte quanto, já que quando não estão no ônibus, estão nas bicicletas; Mas falo dessa gente comum ordinária, obviamente. É essa que me inspira, me encanta, essa que eu vivo, essa que eu mostro, e gosto. E lembro de uma música do Castello Branco, que diz:

*“Somos guerreiros neste lugar
Vindos de um lugar comum
Nossa voz
Nossa luz
Nossa!”*

Sinto que nesse ônibus friento, é mais fácil para a mulher escalpelada que está a duas cadeiras à minha frente, usar seu chapéu de crochê, creio que deve doer na cabeça o calor de quase 40 graus lá fora. E veja só, nesse mesmo ônibus novo, o amortecedor deixa até uma garotinha cega não tropeçar ao descer.

Que maravilhoso ônibus, penso eu.

Maravilhoso porque tem super espaço, tem ar condicionado, e a tarifa, pasmem, não é mais cara. E digo mais, aceita até passe estudantil. E mais, idosos são muito bem vindos.

Mas que pena, penso eu de novo.

Uma pena que sejam apenas quatro, pois é, quatro ônibus desses, na via Macapá-Santana, a única linha que recebeu os novos ônibus, talvez por ser intermunicipal.

Mas falando do quatro, um número tão pequeno, tão pe-

queno que lembrei até dos quatro palmos injustos, lembrei de maneira engraçada, onde aqui, que os palmos são justos demais, se tornam injustos ao número quatro. Enquanto há um quatro tão cheio de palmos, há um número farto de muitos quatro palmos apertados já citados em outro momento.

Mas nós seguimos viagem, aproveitando enquanto tivemos a sorte do momento dos palmos justos, quando nós aqui presentes, fomos o horário certo para a parada de ônibus. E nesse momento, em que vejo algumas árvores de eucalipto, tento me concentrar na paz delas e talvez nno frio que me bate agora, só pra tentar esquecer-me dos palmos injustos.

Pergunto-me sobre o que há de ordinário na vida desses diferentes e desconhecidos, pessoas que se deslocam para diferentes lugares. Esses sujeitos possuem em comum a troca das experiências vividas dentro de um mesmo lugar, em determinados e diversos momentos e horários, tudo ligando-se ao transporte público, o ônibus.

Mas o que essas pessoas vivem afinal? Este livro de crônicas narra histórias de quem vive o cotidiano do transporte coletivo entre as cidades de Macapá e Santana, no estado do Amapá.